

XLVIII

CULTO FAMILIAR

Talvez que a praticantes do Espiritismo não fôsse tão surpreendente a reunião a que compareci, em casa de Lísias. Aos meus olhos, porém, o quadro era inédito e interessante.

Na espaçosa sala de estar, reunia-se pequena assembleia de pouco mais de trinta pessoas. A disposição dos móveis era a mais simples. Enfileiravam-se poltronas confortáveis, doze a doze, frente ao estrado, onde o Ministro Clarencio assumira posição de diretor, cercado-se da senhora Laura e dos filhos. A' distancia de quatro metros, aproximadamente, havia um grande globo cristalino, da altura de dois metros presumíveis, ebo volvido, na parte inferior, em longa série de fios que se ligavam a pequeno aparelho, identico aos nossos alfalantes.

Numerosas indagações me bailavam no cérebro. Na sala extensa, cada qual tomara lugar adequado, mas observava conversações fraternas em todos os grupos.

Achando-me ao lado de Nicolas, antigo servidor do Ministerio do Auxilio e intimo da familia de Lísias, ousei perguntar alguma cousa. O companheiro não se fez rigado e esclareceu:

— Estamos prontos, contudo, aguardamos a ordem da Comunicação. Nosso irmão Ricardo está na fase da infancia terrestre e não lhe será difficil desprender-se dos élos físicos, mais fortes, por alguns instantes.

— Mas virá ele até aqui? — indaguei.
— Como não? — revidou o interlocutor — nem todos os encarnados se agridham ao solo da Terra. Como os pombos-correios que vivem, por vezes, longo tempo de serviço, então duas regiões, espiritos ha que vivem por lá entre dois mandos.

E, indicando o aparelho á nossa frente, informou:
— All está a câmara que no-lo apresentará.
— Por que o globo cristalino? — perguntei, curioso.
— Não poderia manifestar-se sem ele?

— E' preciso lembrar — disse Nicolas attentosamente — que a nossa emotividade emite forças suscetíveis de perturbar. Aquela pequena câmara cristalina é constituida de material isolante. Nossas energias mentais não poderão atravessa-la.

Nesse instante, foi Lísias chamado ao fône por funcionarios da Comunicação. Era chegado o momento. Poder-se-ia começar o trabalho culminante da reunião.

Verifiquei, no relógio de parede, que estavam com quarenta minutos depois da meia noite. Anotando-me o olhar interrogativo, disse Nicolas em voz baixa:

— Sómente agora ha bastante paz no recente lar de Ricardo, lá na Terra. Naturalmente, a casa descansa, os pais dormem, e ele, em a nova fase, não permanece inteiramente junto ao berço...

Não lhe foi possível continuar. O Ministro Clarencio, levantando-se, pediu homogeneidade de pensamentos e verdadeira fusão de sentimentos.

Fez-se grande quietude, e Clarencio disse movedora e singela prece. Em seguida, Lísias se fez ouvir na citara harmoniosa, enchendo o ambiente de profundas vibrações de paz e encantamento. Logo após, Clarencio tomou novamente a palavra:

— Irmãos — disse — enviemos, agora, a Ricardo a nossa mensagem de amor.

Observei, então, com surpresa, que as filhas e a neta da senhora Laura, acompanhadas de Lísias, abandonavam o estrado, tomando posição junto dos instrumentos musicais. Judit, Iolanda e Lísias tomaram, res-

pectivamente, a seu cargo o piano, a harpa e a cítara, ao lado de Tereza e Eloísa, que integravam o gracioso côro familiar.

As cordas afinadas casaram os ecos de branda melodia e a música elevou-se, cariciosa e divina, semelhante a gorgêio celeste. Sentia-me arrebatado a esferas sublimes do pensamento, quando vozes argentinas embalarão o interior. Lísias e as irmãs cantavam maravilhosa canção, composta por eles mesmos.

Muito difícil frasear humanamente as estrófes significativas, cheias de espiritualidade e beleza, mas tentarei fazê-lo por demonstrar a riqueza das afeições, nos planos de vida que se estendem para além da morte:

Pai querido, enquanto a noite
Trás a bênção do repouso,
Recebe, pai carinhoso,
Nosso afeto e devoção!...
Enquanto as estrelas cantam
Na luz que as empalidece,
Vem unir á nossa prece
A voz do teu coração.

Não te perturbes na estrada
De sombras do esquecimento,
Não te dóa o sofrimento,
Jamais te firas no mal,
Não temas a dor terrestre,
Recorda a nossa aliança,
Conserva a flor da esperança
Para a ventura imortal.

Enquanto dormes no mundo,
Nossas almas acordadas
Relembram as alvoradas
Desta vida superior;
Aguarda o porvir risonho,
Espera por nós que, um dia,
Volveremos á alegria
Do jardim do teu amor.

Vem a nós, pai generoso,
Volta á paz do nosso ninho,
Torna ás luzes do caminho,
Inda que seja a sonhar,
Esquece, um minuto, a Terra
E vem servir da água pura
De consolo e de ternura
Das fontes de "Nosso Lar".

Nossa casa não te olvida
O sacrifício, a bondade,
A sublime claridade
De tuas lições no tem;
Atravessa a sombra espessa,
Vence, pai, a carne estranha,
Sóbe ao cume da montanha,
Vem conosco orar também.

Às derradeiras notas da bela composição, notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitosa-acinzentada, apresentando, logo em seguida, a figura simpática dum homem na idade madura. Era Ricardo. Impossível descrever a sagrada emoção da família, dirigindo-lhe amorosas saudações.

O recém-chegado, após falar particularmente á companheira e aos filhos, fixou o olhar amigo em nós outros, pedindo fôsse repetida a suave canção filial, que ouvira banhado em lágrimas. Quando se calaram as últimas notas, falou comovidamente:

— Oh! meus filhos, como é grande a bondade de Jesus, que nos aureolou o culto doméstico do Evangelho com as supremas alegrias desta noite! Nesta sala, temos procurado, juntos, o caminho das esferas superiores; muitas vezes recebemos o pão espiritual da vida e é, ainda aqui, que nos reencontramos para o estímulo santo. Como sou feliz!

A senhora Laura chorava discretamente. Lísias e as irmãs tinham os olhos marecados de pranto.

Percebi que o recém-chegado não falava com espon-

tancidade e não podia dispor de muito tempo, entre nós. Possivelmente, todos ali mantinham análoga impressão, porque vi Judit abraçar-se ao globo cristalino, ouvindo-a exclamar carinhosamente:

— Pai querido, diga o que precisa de nós, esclareça em que poderemos ser úteis ao seu abnegado coração!

Observei, então, que Ricardo pousou o olhar profundo na senhora Laura e murmurou:

— Sua mãe virá ter comigo, em breve, filhinha! Mais tarde virão vocês, igualmente! Que mais poderia desejar, para ser feliz, senão rogar ao Mestre que nos abençoe para sempre?

Todos chorávamos enternecidos.

Quando o globo começou a apresentar, do novo, os mesmos tons acinzentados, ouvi Ricardo exclamando, quase á despedida:

— Ah! filhos meus, alguma cousa tenho a pedir-lhes do fundo de minha alma! roguem ao Senhor para que eu nunca disponha de facilidades na Terra, a-fim-de que a luz da gratidão e do entendimento permaneça viva em meu espirito!...

Aquele pedido inesperado me sensibilizou e surpreendeu ao mesmo tempo. Ricardo endereçou a todos saudações carinhosas e a cortina de substância cinzenta cobriu toda a câmara, que, em seguida, voltou ao aspecto normal.

O Ministro Clarencio orou com sentimento e a sessão foi encerrada, deixando-nos imersos em alegria indescrevível.

Dirigia-me ao estrado para abraçar a senhora Laura, exprimindo-lhe de viva voz minha profunda impressão e reconhecimento, quando alguém me atalhou os passos quase junto á dona da casa, que se occupava a atender ás numerosas felicitações dos amigos presentes.

Era Clarencio, que me falou em tom amavel:

— André, amanhã acompanharei nossa irmã Laura á esferá carnal. Se lhe apraz, poderá vir conosco para visitar sua família.

Não podia ser maior a surpresa. Profunda sensação de alegria me empolgou, mas lembrei instantaneamente o serviço das Câmaras. Adivinhando-me, porém, o pensamento, o generoso Ministro voltou a dizer:

— Você tem regular quantidade de horas de trabalho extraordinaria a seu favor. Não será difficil a Geneção conceder-lhe uma semana de ausencia, depois do primeiro anno de cooperação activa.

Possuido de júbilo intenso, agradecei, chorando e rindo ao mesmo tempo. Ia, enfim, rever a esposa e os filhos amados.